

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense

Class.: Madeira / Camp. Mogno

Data: 27/01/93

Pg.: 12 120

Madeireiras vão ser retiradas de áreas indígenas

A atividade das madeireiras Maginco, Impar e Perachi em áreas indígenas na região sul do Pará começa a ser desmantelada amanhã pela Funai, Ibama e Polícia Federal, com a instalação de barreiras nas estradas que dão acesso às reservas. O ministro do Meio Ambiente e presidente do Ibama, Coutinho Jorge, respaldou a ação judicial do Núcleo de Direitos Indígenas (NDI) e destinou Cr\$ 115 milhões para o trabalho de suas equipes na Trinchira Bacajá, na área Apitereua e na área Araueté, durante um mês.

Segundo o procurador do Ibama, Ubiraci Araújo, que encaminhou petição à 4ª Vara da Justiça Federal do Distrito Federal ratificando as justificativas apresentadas pelo NDI na ação contra as madeireiras, seguirão para as áreas três equipes, compostas de um

engenheiro florestal, dois agentes de defesa florestal e um motorista cada. Eles farão o bloqueio durante 15 dias, interrompeu o trabalho depois retomam a manutenção das reservas.

No documento à Justiça Federal do DF, o Ibama sustentou que é legítima a preocupação do NDI e que esta preocupação "merecerá pronto atendimento, vez que os interesses ali demonstrados se confundem intrinsecamente com as competências legais desta Autarquia", conforme destacou o procurador Ubiraci, que não soube entretanto, justificar porque então o Ibama não entrou com ação de igual teor há mais tempo. Citado pela juíza da 4ª Vara da Justiça Federal, Selene de Almeida, ao lado da Funai e da União, o Ibama pede para passar da condição de réu para autor da ação.

Operação terá três barreiras

O Ibama está também, neste momento, realizando outra operação para retirada de invadidores do Parque Nacional do Pico da Neblina, no Norte do País. A operação é idêntica ao programa para retirar madeiras de áreas indígenas no sul do Pará.

De acordo com o administrador da Funai em Altamira (PA), Benigno Pessoa Marques, para as barreiras de vigilância foram destacados quatro funcionários em cada uma. Benigno retornou das áreas em dezembro e garante que apesar do período chuvoso as madeireiras mantêm atividades de exploração de mogno nas áreas. Segundo ele, a área Apitereua é a mais afetada com a retirada do mogno desde 1988, quando grandes e pequenas madeireiras lá se instalaram.

Uma das barreiras de vigilância será instalada na parte norte da Trinchira Bacajá, na altura da vila Anapú, que fica a 150 quilômetros de Altamira, indo pela Transamazônica. Ali vivem dois grupos de índios xicrin. A segunda barreira será montada na entrada da reserva

Apitereua, a 150 quilômetros depois da cidade de Tucumã (a 850 quilômetros de Altamira), passando por Marabá e Xinguara. É a terra dos índios parakanã (tupi). Na parte leste da Trinchira Bacajá, com acesso por outra estrada que sai de Tucumã, ficará a terceira barreira. Os índios araueté, da área Ipixuna ficam entre as duas outras áreas.

Garimpos — Os fiscais do Ibama e da Funai e os agentes da Polícia Federal vão encontrar além de madeireiros e, milhares de garimpeiros que exploram os rios destas áreas indígenas. Benigno Marques informou que no sul da Trinchira Bacajá cerca de três mil pessoas garimpam a nascente do rio Bacajá. "Agora é um rio de lama e não serve mais à sobrevivência dos xicrin", assegurou.

No início da década de 70, a área estava totalmente intocada pelos não-índios e os xicrin mantinham mais de 70 por cento de suas atividades ligadas ao rio. No ano passado, a Funai teve que pedir apoio da Companhia Vale do Rio Doce para perfurar dois poços profundos no Posto Indígena Bacajá. Os índios não dispunham de água sequer para tomar banho ou beber.